

1 CONCEPÇÕES DE LÍNGUA

Aspectos	Tradicionalistas	Não-tradicionalistas
1. Concepção de língua	Língua Portuguesa = língua culta formal	Língua Portuguesa = conjunto de variedades (língua culta formal + informal + popular + regional + gíria + etc.)
2. Critério de correção linguística	<ul style="list-style-type: none"> - Critério histórico. - Critério absolutista: só é aceito o uso formal culto. - Critério irrealista: não é levada em conta a variação linguística, os novos usos. - Incorre em: <ul style="list-style-type: none"> a) distorções temporais: não aceita a evolução dos usos linguísticos; b) distorções espaciais: não aceita os usos regionais; c) distorções sociais: não se aceitam as variações sociais; d) distorções situacionais: não se aceitam as variações determinadas ou condicionadas pelos contextos diferentes na interação social. 	<ul style="list-style-type: none"> - Critério fundamentado nos usos atuais. - Critério relativista (relativa ao tempo, ao espaço social, ao espaço geográfico, ao contexto etc.): todas as modalidades linguísticas são legítimas desde que adequadas ao contexto. - Critério realista (levam em consideração os usos, a realidade linguística). - Defendem a aceitabilidade contextualizada: todas as modalidades linguísticas desde que adequadas ao contexto.
3. Papel da Escola	<ul style="list-style-type: none"> - Repetem/copiam os registros tradicionais. - Não observam os usos reais, atuais. - Consideram-se “autoridades” em questões de linguagem. <p>-> Tornar o falante monolíngue: impor a modalidade culta formal, erradicando /combatendo todas as demais modalidades linguísticas.</p>	<p>-> Tornar o falante plurilíngue no interior da própria língua: respeitar /apoiar todas as modalidades linguísticas dos alunos e, sob a forma de acréscimo, ampliar a competência comunicativa com o favorecimento da linguagem culta formal.</p>
4. Papel do professor	<p>É o juiz, o árbitro da língua julgando todos os fatos linguísticos mediante uma visão radical expressa na seguinte dicotomia:</p> <ul style="list-style-type: none"> - isto está certo X isto está errado. 	<p>Não julga os fatos da língua através da perspectiva elementar do certo X errado, mas informa sobre usos linguísticos, distinguindo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - uso atual X uso antigo. - uso culto X uso popular. - uso formal X uso informal. - uso adequado X uso inadequado.
5. Consequências	Os tradicionalistas são conservadores, puristas, inflexíveis, irrealistas.	Os não-tradicionalistas são menos conservadores, mais "liberais", mais flexíveis, e distinguem o que é obrigatório, o que é facultativo, o que é tolerável, o que é inadmissível, o quê, o quando, o por quê.

Fonte: retirado de Scarton e Smith (2002, p.11).

SCARTON, Gilberto; SMITH, Marisa M. Concepções de língua e reflexos na vida do professor. In: _____. **Manual de redação**. Porto Alegre: PUCRS: FALE/GWEB/PROGRAD, 2002. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/manualred/textos/texto7.php>>. Acesso em: 19 mar. 2014.

2 O QUE É O TEXTO?¹

Há algum tempo, entendia-se como texto apenas os escritos que empregavam uma linguagem cuidada e se mostravam “claros e objetivos”. Já não se pensa mais assim.

Hoje, com o avanço dos estudos lingüísticos, discursivos, semióticos e literários, mudou bastante o conceito de texto. Falando apenas de texto verbal, pode-se definir texto, hoje, como qualquer produção lingüística, falada ou escrita, de qualquer tamanho, que possa fazer sentido numa situação de comunicação humana, isto é, numa situação de interlocução. Por exemplo: uma enciclopédia é um texto, uma aula é um texto, um e-mail é um texto, uma conversa por telefone é um texto, é também texto a fala de uma criança que, dirigindo-se à mãe, aponta um brinquedo e diz “tê”.

Um ponto importante nessa definição é “que possa fazer sentido numa situação de interlocução”. Isso significa duas coisas: a) nenhum texto tem sentido em si mesmo, por si mesmo; b) todo texto pode fazer sentido, numa determinada situação, para determinados interlocutores¹.

Retomando o exemplo acima, “tê” não chega a ser propriamente nem ao menos uma palavra da língua portuguesa; portanto, isolada, fora da situação em que foi usada, não tem nem deixa de ter sentido. No entanto, quando pronunciada por uma criança e dirigida à mãe, acompanhada do gesto de apontar um brinquedo, passa a ser um texto bom e completo, pode ser interpretada como o verbo “quero”, pronunciado de acordo com as possibilidades do locutor naquele momento, e significando um pedido da criança de que a mãe lhe dê o brinquedo.

Do mesmo modo, um e-mail que só traz a pergunta “E aí, tudo verde?” pode parecer “sem sentido” para uns, mas seria perfeita (e furiosamente...) compreendido por um torcedor corintiano que recebesse a mensagem de um amigo palmeirense, depois de um jogo de futebol em que o Palmeiras tivesse vencido o Corinthians. Por outro lado, um livro de Física Quântica ou um tratado de Filosofia podem ser claros e consistentes para os especialistas e absolutamente incompreensíveis para os leigos.

Resumindo: uma produção lingüística que, numa dada circunstância, pareça “sem pé nem cabeça”, incompreensível, inadequada, inaceitável, para determinado grupo, pode ser perfeitamente entendida e considerada como sem qualquer problema por outros interlocutores, noutra situação, e, para eles, funcionar plenamente como texto. Isso quer dizer que o sentido não está no texto, não é dado pelo texto, mas é produzido por locutor e alocutário a cada interação, a cada “acontecimento” de uso da língua.

¹ Primeira seção do texto de Costa Val (2008). Referência: COSTA VAL, M. Graça. Texto, textualidade e textualização. In: FERRARO, Maria Luiza et al. (Org.). **Experiência e prática de redação**. Florianópolis-SC: Editora da UFSC, 2008. p.63-86.